



LINGUAGEM E DISCURSO: análise de folhetos de campanhas de educação para o trânsito

Jorge Fábio Godóes Pereira¹ (PGEDU-UEMS)

Silvane Aparecida de Freitas² (UEMS)

Introdução

O artigo apresentado é parte integrante de uma pesquisa em andamento no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) na Unidade Universitária de Paranaíba-MS intitulada de “OS EFEITOS DE SENTIDO DO TRÂNSITO NA VIDA URBANA: uma análise discursiva” em que se tem como plano de fundo a análise de discursos produzidos por órgãos governamentais, em especial o Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS), cujo foco seja a educação para o trânsito.

Acreditamos que o trânsito, na atualidade, tem se mostrado como um dos principais modos de expressão do modo de viver cidadão. Utilizando o trânsito, locomovemo-nos de uma ponta a outra da cidade, é um ambiente em que buscamos satisfazer várias de nossas necessidades dentro do panorama cidadão. O trânsito como constituinte da tessitura urbana é um espaço social que produz discursos e sentidos ressignificando o espaço da cidade.

Há de se ressaltar que a sociedade contemporânea é testemunha de um trânsito que se caracteriza por ser violento, caótico e criminoso nas ruas das cidades, tendo como atores principais motoristas inexperientes, desatentos e insensíveis que, sob a falta de preparo para frequentar este ambiente e a constante sensação de impunidade, vêm causando transtornos que afligem a sociedade de uma ordem que vai da sociológica à econômica, tirando a vida de inúmeras pessoas. Nesse sentido, campanhas educativas são desenvolvidas com a finalidade de diminuir esses conflitos e modificar esse cenário.

¹ Mestrando e Especialista em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduado em Letras pela UEMS. Servidor Público Estadual atuando como assistente de Atividades de Trânsito no Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS).

² Silvane Aparecida de Freitas. Pós doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP); Doutora em Linguística (UNESP); Mestre em Linguística Aplicada (UNICAMP); docente sênior da UEMS nos Programas de pós-graduação scrito senso em Educação; Letras e Profletras.

Pretendemos assim, explorar como alguns discursos se desenvolvem em torno da temática trânsito. Para tanto, vinculamo-nos a uma perspectiva teórica que se utiliza da Análise do Discurso para compreender os fenômenos discursivos, pois na perspectiva que objetivamos, cremos que os sujeitos constroem sua subjetividade discursivamente em ações que recorrem à linguagem e que são primordialmente sociais. Nesse sentido, incluímos na discussão pesquisadores que concebem a linguagem numa perspectiva sócio-histórico-ideológica, e que aliam o linguístico ao extralinguístico seguindo os preceitos da Análise do Discurso de orientação francesa.

Análise do Discurso: na busca de sentidos

Nascida da necessidade de compreender a língua como algo que vai além da perspectiva dicotômica de Saussure entre **língua/fala** e de sua visão estruturalista, a Análise do Discurso (AD) surge, então, como uma ciência capaz de dar conta dos sentidos fora da frase e dos seus significados meramente dicionarizados, e longe dessa dicotomia surge a noção de discurso que, para Cardoso (1999, p. 21), não é língua nem fala. Para a autora,

[...] o discurso é fruto do reconhecimento de que a linguagem tem uma dualidade constitutiva e que a compreensão do fenômeno da linguagem não deve ser buscada apenas na língua sistema ideologicamente neutro, mas fora do polo da dicotomia língua/fala. Em outras palavras, ao mesmo tempo que a linguagem é uma entidade formal, constituindo um sistema, é também atravessada por entradas subjetivas e sociais. O discurso é, pois, um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos, interagindo em situações concretas.

A partir da década de 60, com o surgimento da Análise do Discurso francesa, o texto deixa de ser visto como elemento ideologicamente neutro, a leitura deixa de ser apenas um exercício de decodificação. Nessa nova concepção, é o discurso que ganha destaque, e embora a língua possa lhe interessar, para a Análise do Discurso, a língua só é tomada como material de análise se ela fizer sentido.

A Análise do Discurso possui caráter multi e transdisciplinar, recorrendo à Psicanálise, ao Materialismo Histórico e a Linguística e tem se mostrado como uma disciplina que procura estudar a linguagem sem desconsiderar as relações sociais, históricas e psíquicas nas situações concretas de enunciação, demonstrando que para compreendermos os enunciados devemos sempre levar em consideração aspectos exteriores ao texto, pois

[...] a proposta intelectual em que se situa a Análise do Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. (ORLANDI, 2010, p. 25).

Longe de ser uma ameaça para a AD, esse atravessamento disciplinar enriquece e possibilita que a AD enquanto ciência possa operar em diversas perspectivas para explicar os fenômenos sociais, históricos, psíquicos que perpassam pela linguagem.

Para Possenti (1986, p. 40), “a teoria linguística adequada para uma teoria do discurso deve ser de tal modo concebida que declare impossível uma análise completa de qualquer enunciado sem que seja tomado em sua instância de produção”, ficando assim estabelecido um dos pilares para uma teoria que procura estudar o discurso enquanto objeto de análise.

Não se pode desvincular discurso e sentido das relações sociohistóricas de produção, pois no momento em que pronunciamos algo, são produzidos sentidos que vão além da sua significação imediata, remetendo-nos, assim, para fora da descrição dicionarizada das palavras e encontraremos seu verdadeiro sentido no acontecimento, no exterior, na interação, no social, na ideologia.

Analisar um discurso é fazer um movimento de fora para dentro, e, ao mesmo tempo, de dentro para fora do enunciado, pois concomitantemente aquele que diz, ou seja, o locutor e aquele para quem se diz, o alocutário, assumem um posicionamento sociohistórico em relação ao mesmo enunciado, uma vez que “como, através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a constituir, no bojo de sua teoria, uma realidade fundamental da língua. O interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado [...]” (BRANDÃO, 2004, p. 8).

Para a Análise do Discurso, nunca teremos acesso direto aos sentidos o que torna o processo de interpretação um processo de reflexão. Sendo assim, não há de se falar em emissor e receptor, visto que se admitíssemos a presença desses dois elementos denotaria certa passividade de um em relação ao outro, evidenciando que o sentido do enunciado já estaria pronto e acabado; sendo assim, o que podemos empreender, então, é que sempre poderá haver mais de um sentido para um único enunciado, e ele sempre será apreciado por seus interlocutores que construirão juntos o seu sentido.

Passamos a trabalhar, então, como uma concepção de que não há comunicação ideal, pois como afirma Mainguneau (2002, p. 32), “as leis do discurso não são normas de uma conversação ideal, mas regras que desempenham papel crucial no processo de compreensão dos enunciados”, ou seja, nada garante que o que foi dito por alguém seja entendido da forma que ele quisesse que fosse entendido, restando-nos, de certo modo, alguns subtendidos, incompletudes.

As incompletudes, por sua vez, não denotam um obstáculo para o analista do discurso, uma vez que, como assegura Orlandi (2008), essa incompletude não é um defeito e sim uma qualidade, pois a Análise do Discurso passa a ocupar esse lugar o qual não se tem acesso direto ao sentido, o que evidentemente se mostra muito coerente, pois se não fosse assim, então qual seria o papel da Análise do Discurso?

Segundo essa pesquisadora, é justamente nesse lugar que a Análise do Discurso deve operar, ou seja, nos deslocamentos, nas fissuras, nas incompletudes de sentido, uma vez que entendemos que os sentidos dos enunciados nunca nos serão dados a priori, de antemão, mas sim em um espaço discursivo, criado pelos interlocutores.

O discurso atua numa instância muito maior que a da frase ou do texto, o discurso adquire uma instância que perpassa pelo histórico, pelo social, estabelecem sentidos e contribui para a formação subjetiva.

A subjetividade em trânsito: o sujeito discursivo

Para Orlandi (2010, p.15), a palavra discurso, etimologicamente, liga-se à ideia de curso, percurso, movimento. Diante desse fato, relacionamos intencionalmente essa ideia ao trânsito que nos remete às mesmas ideias trazidas pela palavra discurso. Procuramos pautar que a constituição da subjetividade sempre está em curso, em movimento, nunca acabada, em trânsito contínuo.

A noção de subjetividade que queremos apresentar, diz respeito àquela em que o sujeito atribui sentido ao mundo que o circunda e que é forjado por intermédio do discurso e da linguagem, é a

[...] subjetividade que se constitui na linguagem e pela linguagem. É porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo: porque falo, aproprio-me da linguagem, instauró a minha subjetividade e é enquanto sujeito constituído pela linguagem que posso falar, representar o mundo. (BRANDÃO, 1998, p. 37).

A concepção que temos de subjetividade está filiada ao juízo de que o sujeito se constitui pelos discursos impetrados pela linguagem, e quando pensamos na cidade e no trânsito como uma realidade plural e polifônica, somos confrontados a pensar no sujeito dentro dessa realidade.

A cidade, e, por consequência o trânsito, é composto de uma generalidade de sujeitos que criam na tessitura social uma rede de relações, econômicas, culturais, políticas e discursivas que vão se moldando de tempos em tempos e de acordo com determinados espaços.

É importante, também, conceber o sujeito dentro dos domínios históricos, sociais e ideológicos, pois ao nosso ver a noção de sujeito, no que tange os aspectos da linguagem, se insere grandemente na rota dos atravessamentos intersubjetivos introduzidos pelos diversos discursos constituintes da cidade que se acumulam no tempo e se deflagram no/s espaço/s.

O sujeito engendrado pela linguagem é o sujeito descentrado, é aquele que se encontra entre o eu e o outro, é historicamente marcado por discursos e representações de uma época e espaço e, “[...] dessa forma, como ser projetado num tempo e num espaço orientado socialmente, se o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos dos outros”. (BRANDÃO, 2004, p. 59).

Sendo assim, o sujeito está sempre marcado por sua historicidade, historicidade esta que, para Foucault (2002), é marcada pela descontinuidade, remetendo-nos à ideia de ruptura, ou seja, o sujeito não se apresenta pronto de antemão. O sujeito dentro do panorama histórico vai se formando, e, conseqüentemente, se transformando, transitando entre os vários discursos que o constituem em uma lenta e contínua maturação.

O efeito dessa historicidade – dentro de uma perspectiva originariamente foucaultiana e assinalada por autores tais como, Brandão (1998) e Coracini (2007) – permite com que não exista apenas uma unidade de discurso para que o sujeito se aproprie, assegurando o atravessamento de outros discursos. Sendo assim, o sujeito aqui concebido é o sujeito discursivo; é aquele que se constitui a partir do discurso que o trans/forma a todo momento num ir e vir de discursos que são apreendidos, utilizados, arquivados e reutilizados socialmente em uma prática que é interdiscursiva e intradiscursiva.

O sujeito do discurso pode ocupar várias posições discursivas, de acordo com as várias posições sociais que pode ocupar. Está sempre em curso. Há inevitavelmente uma articulação entre ideologia e os discursos apresentados pelo sujeito em diversas possibilidades de atuação na vida diária e, “[...] dessa forma, o discurso não se caracteriza pela unidade do sujeito, mas sim pela sua dispersão; dispersão decorrente das suas várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso, o que lhe confere diferentes estatutos”. (BRANDÃO, 1998, p. 36).

Oportunamente, observamos que a palavra trânsito nos remete à ideia de transitoriedade, daquilo que é provisório, temporário. A transitoriedade de que este ambiente dispõe, relaciona-se tanto ao tempo em que o sujeito se expõe a ele operando de vários modos (pedestre, ciclista, motociclista, motorista), como a própria transitoriedade das relações sociais nele desenvolvidas.

Junto a esta ideia, podemos constatar que, mesmo temporariamente, o sujeito é cindido por outros sujeitos, pois enquanto atua como transeunte mobiliza um discurso, já ao ocupar o lugar de motorista mobiliza outro discurso. Tal possibilidade decorre do fato de vários outros comporem o mesmo sujeito, são várias vozes atuando de diferentes formas e em diferentes situações, introduzindo também a ideia de sujeito polifônico.

A polifonia constitutiva de todo sujeito busca seu fundamento em discursos externos, tornando-o heterogêneo e marcado ideologicamente, uma vez que “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias” (BRANDÃO, 2004, p. 46).

Ao seu turno, o interdiscurso também é marcado pela possibilidade de o sujeito se relacionar exteriormente, ou seja, é a partir da relação de alteridade que o sujeito abre espaço para a criação do seu “próprio” discurso sempre lembrando que, inevitavelmente, o sujeito “[...] carrega dentro de si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele” (CORACINI, 2007, p. 17).

Nesse sentido, podemos afirmar que a noção de sujeito está intimamente ligada à relação discursiva que se manifesta pela interdiscursividade e intradiscursividade, tornando-o polifônico, devendo ser compreendido nas circunstâncias sócio-histórica-ideológica, buscando sempre compreendê-lo dentro de um conjunto de vozes sociais que o perpassam.

Segundo Coracini (2007), o sujeito discursivo está entre o limiar da apropriação e expropriação de seus discursos que, pelas forças históricas e sociais, em certas oportunidades foram adquiridos e arquivados, tomados como seus e dando a ideia de unidade por comporem sua formação discursiva; é o intradiscorso agindo por intermédio do interdiscurso revelando a heterogeneidade constitutiva do sujeito.

Na afirmação de Brandão (1998, p. 43), há uma impossibilidade “[...] de fugir da heterogeneidade constitutiva de todo discurso, o sujeito, ao explicitar a presença do outro, por meio das marcas da heterogeneidade mostrada, expressa, no fundo, seu desejo de dominância, sua ilusão de unidade”.

Ante a afirmação, podemos afirmar que mesmo que não queira, ou não perceba, é inevitável os atravessamentos na constituição dos sujeitos. Os outros que o constituem serão mobilizados ora um ou outro. Colocam-se em evidência as formações discursivas que o compõe e que serão utilizadas nas várias posições que o sujeito assume no discurso construindo assim, um espaço discursivo que se estende entre o eu e o outro. É a formação subjetiva seguindo seu curso, seu percurso, seu movimento sempre distante. Por isso a importância de se refletir sobre os diversos discursos sobre e do trânsito que circulam socialmente. Assim, passaremos a análise de um folheto muito circulado em nosso meio: “Maio amarelo”.

“Maio amarelo”: análise de um folheto

Apoiando-nos nas noções de discurso e sujeito discursivo, propomos evidenciar como os discursos produzidos para educação para o trânsito produzem sentidos e ao mesmo tempo buscam enculcar nos partícipes do trânsito a importância de um comportamento mais “adequado”, utilizando-se de recursos que perpassam pelo campo da linguagem, sobretudo, do discurso.

A panfletagem é uma das principais ações desenvolvidas em épocas específicas. Tomemos como exemplo os panfletos distribuídos para a campanha do “maio amarelo”. Assim como vários outros movimentos de repercussão quase global, o “maio amarelo” é um movimento, cujo objetivo é realizar uma ação coordenada entre o Poder Público e a sociedade civil, colocando em pauta a temática da segurança viária, em que se preceitua discutir o tema

nas mais diferentes esferas, ampliando o debate sobre os problemas gerados pelo trânsito e a violência por ele produzida.

No dia 02 de maio de 2016, foi veiculada uma notícia na imprensa oficial, no “Notícias MS” em seu domínio virtual na internet “www.noticias.ms.gov.br” de que uma das ações a serem desenvolvidas em Campo Grande - MS (capital do Estado), cujo foco era o maio amarelo, seria uma panfletagem que trazia o seguinte tema naquele ano: “ATENÇÃO PELA VIDA”

Reproduzindo alguns trechos podemos visualizar melhor o propósito dessa campanha. A reportagem assinada por Jaqueline Hahn Tente tinha a seguinte imagem e trazia entre seus dizeres:



figura 1 (Campanha maio amarelo NOTICIASMS, 2016)

Você sabe o que é o Maio Amarelo? O Maio Amarelo é uma ação como o “Outubro Rosa” e o ‘Novembro Azul’, porém o seu objetivo é chamar a atenção da sociedade para o alto índice de mortes e feridos no trânsito em todo o mundo.

A intenção é unir forças entre o Poder Público e a Sociedade Civil, para conscientizar a população sobre o seu papel no dia a dia do trânsito. Durante todo o mês de maio uma série de ações serão desenvolvidas para efetivamente discutir a segurança viária em Mato Grosso do Sul. (NOTICIASMS, 2016).

A reportagem se inicia com algumas perguntas autoexplicativas que buscam elucidar o objetivo da campanha. Outros pontos nos chama a atenção. A primeira delas é a de como se materializa esse discurso. A reportagem está assinada por Jaqueline Han, a suposta autora desse discurso. Tal percepção é de suma importância, pois na visão de Foucault (2010, p. 26),

o autor deve ser entendido “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.

Se o autor é a unidade e origem das significações, é nele que se concentra o discurso e ao definirmos quem é o autor pelo menos duas coisas se tornaram visíveis, o lugar enunciativo de quem fala e a relação de poder estabelecida. O laço criado entre autor e o lugar enunciativo compõem o interlocutor a aceitar o discurso como verdadeiro ou refutá-lo como falso ou inaceitável.

De acordo com os recursos que estão disponíveis (fonte da reportagem e logotipos disponíveis), entendemos que é um discurso institucional. Tal discurso, de acordo com a imagem coletada, é um discurso materializado pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul sob a outorga de um discurso que lhe é “superior” e operacionalizado DETRAN-MS.

O discurso do "maio amarelo" busca sua referência em um discurso que lhe é “superior” e “válido”, pois faz menção à Resolução número 02 da Organização das Nações Unidas, emitida em 2009, declarando a década de 2011 a 2020 como década de ação pela segurança no trânsito tendo em vista a decisão da

[...] Organização Mundial de Saúde (OMS) juntamente com outros organismos internacionais, terão a missão de envidar esforços com o audacioso objetivo de reduzir pela metade o número de fatalidades no trânsito mundial. Atualmente, registram-se mais de 1 milhão e 300 mil mortes por ano e milhões de pessoas feridas, algumas incapacitadas permanentemente, atingindo de forma majoritária aquelas na faixa etária de 15 a 44 anos de idade, significativa parcela produtiva da sociedade. (DENATRAN, 2011).

Como discurso institucional, ele tem a possibilidade de ser vigiado e ter seu aparecimento e sua distribuição contida, pois como propõe Foucault (2010), o discurso é um modo de controle e de estabelecimento de poder, e por isso precisa ser controlado, existindo para tanto procedimentos (internos), que são próprios do discurso e que funcionam enquanto princípios de classificação, ordenamento e distribuição de controle e delimitação do discurso e procedimentos (externos) que funcionam como sistema de exclusão em que estão implicados o poder e o desejo. Para Foucault (2010), existe um desnível entre discursos, existindo alguns que são supostamente “fundamentais ou criadores” e discursos que se repetem, glosam e comentam.

Complementarmente, encontramos na interpretação de Cardoso (1999) uma definição sobre como Foucault define o discurso, pois para a autora,

[...] esse discurso que passa por verdadeiro e que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder. A geração desse discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e distribuída por certos procedimentos que têm por função eliminar toda e qualquer ameaça a permanência desse poder. (CARDOSO, 1999, p. 22).

No caso do “maio amarelo”, o discurso fundamental é também um discurso considerado “verdadeiro”, pois está pautado em discurso da ONU que é um órgão de reputação mundial e que, ao propagar a ideia de prevenção aos acidentes automobilísticos, de cuidado e zelo pela vida no trânsito, procura sensibilizar a população para os cuidados no trânsito e ao mesmo tempo criar um estado de alerta nos motoristas. Se observamos bem, o laço que compõe a imagem da campanha do maio amarelo é o mesmo que simboliza outras campanhas mundiais voltadas para a prevenção e iminente necessidade de ações para reduzir o alto índice de mortes, nesse caso específico, as mortes ocasionadas em decorrência da má utilização desse espaço.

Há de se evidenciar que o discurso produzido para o "maio amarelo", veiculado a nível nacional e do qual o DETRAN/MS participou, busca subsídio em outros discursos que ao procurar torná-lo aceito, utiliza-se daquilo que Foucault (2010) chamou de vontade de verdade pelo qual o discurso deve passar para ser aceito e para exercer “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2010, P.18). Conseqüentemente, empreender em seus interlocutores uma motivação para mudança de condutas nocivas aos participantes do trânsito.

A manifestação discursiva de ações como o “maio amarelo” alia os discursos produzidos por órgãos governamentais que são, de certo modo, “poderosos”, “verdadeiros”, visando aliar elementos discursivos às atividades educacionais intencionando moldar condutas que se ajustem ao padrão pretendido.

Sendo assim, para entender o funcionamento discursivo-ideológico de ações como estas, faz-se necessário observar suas condições de produção, ou seja, estabelecer uma relação sociohistórica de produção. Quando discursos como o do "maio amarelo" são produzidos, já se tem em mente o “auditório social” que irá recebê-los fazendo com que o interlocutor, ao se apropriar desse discurso, crie suas deduções, suas motivações e suas apreciações sobre os fatos.

Devemos buscar nas relações sociohistóricas de produção, os sentidos que poderão ser brotados de discursos como este, pois no momento em que se pronuncia algo, são produzidos sentidos que vão além da sua significação imediata, remetendo-nos, assim, para fora do contexto imediato e encontraremos seu verdadeiro sentido no acontecimento, no exterior, na interação, no social, na ideologia.

Ao desenvolver esse tipo de ação, os órgãos responsáveis pelo trânsito buscam encucar nos partícipes do trânsito – todos nós – a importância de um comportamento mais adequado com vista à diminuição de acidentes e, para tanto, utilizam de práticas sistematizadas e que perpassam pelo campo do discurso na tentativa de instrumentalizar uma educação para o trânsito.

Considerações finais

Até o momento, buscou-se refletir sobre o trânsito das cidades que produz discursos que são desenvolvidos por ele e para ele. O trânsito é certamente um expoente de violência que se caracteriza por uma autoridade estatal dispersa, ou seja, o poder estatal não consegue ser onipresente o que consubstancia a necessidade de práticas educativas e discursivas que cubram essa lacuna.

Dos discursos produzidos para/pelo trânsito, constatam-se principalmente os que reforçam a necessidade de condutas que diminuam a violência e robusteçam a adoção de condutas adequadas ao convívio nesse ambiente. Esses discursos são produzidos em diferentes modalidades, porém por uma instância precípua, a institucional. Dentre as modalidades, podemos verificar que a utilização de folhetos, folders ou livros educativos nas campanhas voltadas para educação para o trânsito estão entre as principais modalidades que textualizam esse discurso.

Mesmo com uma análise ainda pouco apurada, podemos afirmar que o discurso materializado textualmente em análise, busca formular sentidos de que o trânsito é lugar caótico e perigoso e, portanto, requer cuidados especiais para participar desse ambiente.

Creemos que a instrumentalização de discursos reforçadores de condutas pode ser mais um caminho a ser seguido, para inculcar nos partícipes do trânsito a real necessidade de transformações desse ambiente, basta apenas uma organização desses discursos, pois “as falas

desorganizadas significam lugares onde os sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização social”. (ORLANDI, 2004, p. 63).

Sendo assim, enfatizamos que discursos produzidos para o trânsito devem produzir sentidos que organizem socialmente esse ambiente e passe a constituir, como propõe Orlandi (2004, p. 86), “um espaço de sujeitos e de sentidos” contribuindo para a construção subjetiva daqueles que participam desse ambiente social.

Referências

- BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- _____. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- DENATRAN. *Departamento Nacional de Trânsito*. Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza –e- Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. 1986. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.